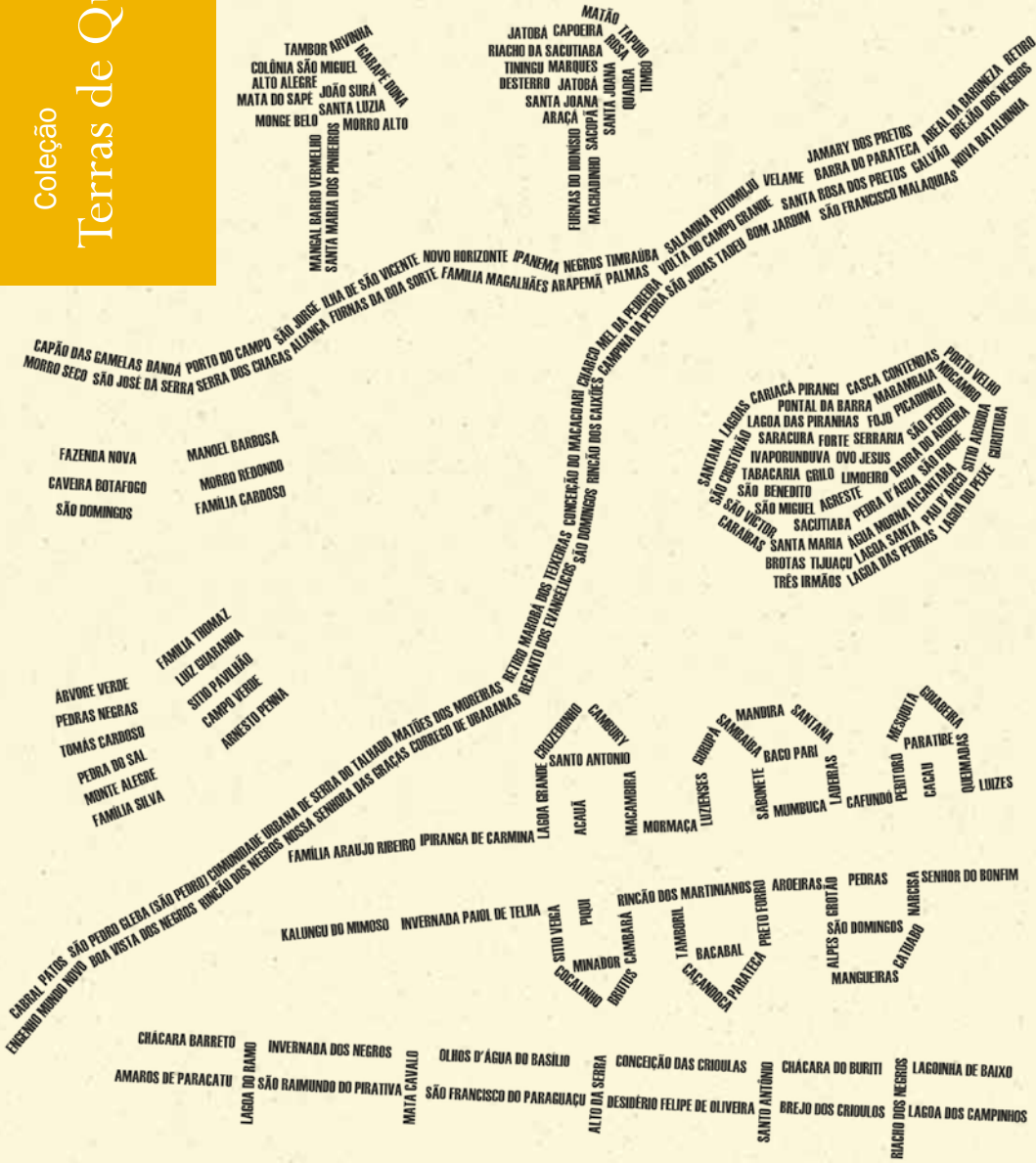


# Comunidade Quilombola Dezidério



# As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



# Comunidade Quilombola Dezidério Felippe de Oliveira

A Comunidade Quilombola Dezidério Felippe de Oliveira, com cerca de 110 anos de formação, é localizada no estado de Mato Grosso do Sul. Surgiu a partir da ocupação por Dezidério, Maria Cândida e seus filhos em uma área de mata, que fica na cabeceira do Córrego São Domingos, na região conhecida como Picadinha, município de Dourados. Por ser marcadamente uma comunidade de ancestralidade africana ficou, durante muito tempo, mais conhecida pelo nome de *Negros da Picadinha*. Foi certificada pela Fundação Cultural Palmares no dia 31 de março de 2005 a partir da criação da Associação Rural Quilombola Dezidério Felippe de Oliveira (ARQDEZ).



O território tradicional da comunidade acompanha os limites de uma ampla área registrada por Dezidério, num primeiro momento em 1920, com extensão de 3.748 hectares, que se estende pelos municípios de Dourados e de Itaporã, cortado pelos Córregos Guabiroba e Taquara. O território delimitado pelo Relatório Técnico do INCRA, publicado nos dias 23 e 24 de dezembro de 2009, corresponde a uma área de 3.538,6215 hectares.

Quando o relatório antropológico foi escrito, no ano de 2007, os quilombolas da comunidade, descendentes de Dezidério Felipe de Oliveira e Maria Cândida Braga, estavam ocupando apenas quarenta hectares do território tradicional. **Muitos quilombolas, homens e mulheres, foram viver na cidade de Dourados devido à dificuldade de sustentarem suas famílias nas poucas terras que lhe restaram.** Assim, em 2007, os descendentes de Dezidério somavam 362 quilombolas, dos quais 325 viviam em bairros na cidade de Dourados. Os 37 que permaneceram no território tradicional, apesar do pequeno tamanho do território, tinham reservas de mata, plantavam, criavam gado e tinham açude para pesca. As matas ajudaram a manter os rios e serviram como reserva para coleta de madeira, lenha e folhas, cascas e raízes utilizadas como *remédios*.

**A comunidade é de tamanha sabedoria que, com toda dificuldade, se empenhou para se manter em seu território e continuar lutando pela regularização das terras registradas por Dezidério Felipe de Oliveira.** Como nos afirma o senhor Antônio Braga, o ancestral Dezidério, *foi atrás de seus sonhos, que era ter uma terra para nela trabalhar e criar seus filhos*. Uma luta passada de geração para geração e que se mantém, apesar dos desafios dos processos de reconhecimento e titulação do território da comunidade.

## Um Quilombo na Mata

No dia 11 de fevereiro de 2007, a Associação Rural Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira (ARQDEZ), em parceria com a Coordenação das Comunidades Quilombolas do Mato Grosso do Sul, realizou

uma festa em comemoração aos cem (100) anos da chegada dos ancestrais. Máximo de Oliveira, neto de Dezidério e Maria Cândida, destaca o amplo reconhecimento da identidade negra da comunidade que foi se formando: *nós aqui éramos tipo um quilombo, aqui não tinha branco, então, as pessoas de fora falavam que a gente era negro da mata, os africanos, nós éramos os africanos.*

Nas palavras do senhor Ramão Oliveira, neto de Dezidério e Maria Cândida:

Dezidério Felipe de Oliveira nasceu em 1867, lá ele foi escravo, em Uberaba/MG. Lá ele trabalhou com gado. Veio de lá, segundo minhas tias me contavam, tocando uma comitiva de boiada até Vista Alegre. Depois conheceu Maria Cândida, índia Terena, casou com ela e tiveram quatro filhos lá em Vista Alegre, que são: Benvenida, Tomás, Madalena e Miguel. Aí eles vieram para cá. Chegou ali, fez a casa dele e lá se instalou. Ele veio de lá (Vista Alegre) em 1907, foi quando ele fez a primeira casa dele.

Assim, em 1907, Dezidério fez sua morada na Cabeceira do Córrego São Domingos. O local onde foi construída a primeira casa da família é parte viva da memória dos quilombolas, que conseguem identificar as árvores plantadas pelos seus ancestrais.

Já a segunda moradia da família se localizava entre o pé de Ipê e o cemitério da comunidade, local onde anteriormente havia um *arvoredo que só*. O cemitério foi construído em mutirão pelos quilombolas



Local da 1ª moradia de Dezidério Felipe de Oliveira no IAME.



À esquerda, onde há o Ipê, local da 2ª moradia de Dezidério; à direita está o cemitério.

e lá estão enterrados os ancestrais, mesmo aqueles que tiveram que se mudar do território.

As casas são um bem importante para os quilombolas da comunidade que identificam no território a moradia de cada parente e dos ancestrais. O local onde foi *construída a primeira casa de Benvinda*, a *segunda casa de Miguel*, e assim por diante. Em muitas das localidades onde estavam, as moradias foram tomadas por plantações de soja. As casas eram tradicionalmente construídas e *reformadas de cinco em cinco anos* em mutirão, como nos conta Seu Máximo:

As casas eram todas de capim, feita da roça de laranjeira que nós rachava. Não tinha prego, era amarrado com cipó, era coberto de capim e, às vezes, com barro e, às vezes fazia forrado de sapé.

*O sapé dava em toda parte, no alto e no rio, depois de arrancar era necessário colocar para secar e em quatro dias já estava pronto para usar. Para o estabelecimento das casas, Dezidério abriu mata, ele foi o primeiro a abrir mata na região, essa região era uma mata só, por isso que chamava Picadinha, conta um vizinho da comunidade. Os descendentes de Dezidério contam que ele tinha um canto para o corte de cada árvore da mata, que ele mexia com erva, tinha o erval dele, enchia as carretas de boi e ia para Campo Grande levar erva pra trocar a troco de sal, querosene, roupa. Então, ele ia com a carreta cheia pra lá e voltava com a carreta cheia pra cá* (Seu Ramão). O quilombo contava também com engenhos para a produção de rapadura.

## Amizade, família e trabalho

Na região de Vista Alegre, Dezidério estabeleceu forte amizade com Marcelino Braga. Desta amizade, surgiram alguns casamentos entre seus filhos e filhas, gerando a *família Oliveira Braga*, o principal tronco de descendência da comunidade. Cada filho de Dezidério e Maria Cândida formou uma família através de casamentos com pessoas com as quais o casal tinha amizade na região e também entre

os primos gerados. As famílias, descendentes de Dezidério e Maria Cândida, fizeram suas casas e roças dentro de suas terras. **Esse movimento mantém as famílias unidas dentro das terras de Dezidério e Maria Cândida.**

Das relações de casamento se formaram também relações de compadrio, de trabalho e de amizade, como no caso de Benvinda, filha de Dezidério, que se casou com Manoel, filho de Marcelino Braga e Maria Rita. Logo quando casados, Benvinda e Manoel foram morar e trabalhar nas terras de Marcelino, perpetuando as relações entre as famílias. Dezidério, como tinha muita sabedoria sobre criação de gado, ajudava Marcelino nas atividades com a criação. Ele também auxiliou o amigo na formação de cafezais e na extração de erva mate. Muitos conhecimentos foram passados por Dezidério e Maria Cândida.

## Sabedorias do quilombo

**O modo dos quilombolas se relacionarem com a terra é bem diferente do modo dos atuais fazendeiros da região, que as destinam para a produção de um único plantio, principalmente a soja.** Esse modo cria a necessidade de uso de adubos químicos para a produção. Os fazendeiros também utilizam grandes áreas de terra para a criação de gado, mantendo vastos pastos com braquiária. Como nos contam Seu Dezidério (neto de Dezidério) e Oneida: *o pessoal que tá fazendo essas lavouras grandes, eles mexem com a colhedeira e já levam pra vender. Eles colhem qualquer lua, qualquer dia, plantam em qualquer lua. Eles não plantam pra eles mesmos. Usam veneno. Eles não plantam para as despesas deles.*

O conhecimento dos quilombolas propiciou a formação de um banco de sementes de arroz e feijão, o que garante a autonomia de produção. Somado a isso, as áreas de *mata* favorecem os cultivos, dispensando o uso de adubos químicos.

Esse conhecimento organiza o território quilombola, classificando o ambiente em: área de *mata* que é vegetação original, um indicativo





Vista do modo de armazenamento de arroz.

Fonte: RTID/INCRA, 2007, p.263.

de terra de qualidade, ou seja, *terra de cultura*; *capoeira* é a vegetação que nasce após a utilização da terra para plantio ou criação; *campo* é a área de vegetação de pequeno porte onde se localizam várias plantas de uso medicinal; *terra de campo* é como *terra de cerrado*, é *mais fraca*, tida como terra de pouca qualidade para plantação; e *brejo* ou *banhado* são áreas alagadiças, com bastante umidade, localizadas próximas de córregos e rios.

**São extensos os conhecimentos dos quilombolas em relação à utilização das folhas, raízes, paus e cascas, seja para sua alimentação ou das criações, seja como remédio, seja para construção das casas.** Sobre os remédios, Dona Oneida, Seu Dezidério e Seu Antônio, nos contam que:

o Cambará eu sei que é pra tosse. A Pororoca é uma árvore que serve para fazer madeira, linha, que nem essas viga, caibro. O capim barba de bode serve para pasto, para a criação comer. O capim gordura é um santo remédio, é do campo, do brejo. Diz que é bom pra diabetes, ele é bom pros ossos, bom pra resfriado, reumatismo. E o sapé é para cobertura de telhado. O Caragatá é bom pra fazer xarope, para bronquite, a fruta. O Ariticum é uma fruta, tem no campo, come a fruta. Tem o carqueja, é pra dor de barriga, é contra o tétano, lavar machucado. A cancorosa e a carobinha é do campo.





Sabão de cinza feito por Maria Auxiliadora.  
Fonte: RTID/INCRA, 2007, p. 254.

Na área de reserva de Seu Antônio, ele identifica as plantas e sua *serventia*:

Aqui tem o louro preto, é madeira de lei, amendoim, madeira de lei, aroeira, serve pra tudo, é madeira de lei, toma o chá da casca, serve pra muita coisa. A guavira, o guatambu rapa a casca de cima e raspa a de dentro para fazer o remédio, põe um copo d'água, frio, e em cinco minutos pode tomar. Ele é a minha farmácia.

É tradicional na comunidade a feitura do *sabão de cinza*, feito pelas mulheres que lavavam roupa nos córregos que cortam o território, como nos conta Dezidério:

*A minha mãe (Catarina Machado de Souza) ia pro córrego lavar roupa. As mulheres faziam sabão caseiro, sabão de cinza. Elas queimavam madeira própria para tirar a cinza e aquela cinza colocava numa lata toda furadinha e colocava água e ia tirando o caldo da cinza, tirando aquela água preta da cinza. Fazia do bico de pato, tinha o cipó, um tal de unha de onça (jaguapindá). Aquilo era a soda das minhas tias.*

O tipo de capim utilizado para alimentação do gado também é um grande conhecimento dos quilombolas, que relacionam o uso de determinados capins e a utilização de adubos químicos ao adoecimento do gado. Sobre isto, nos conta Seu Antônio:

As vacas, às vezes falta pasto a gente corta cana pra elas. O pasto que nós tínhamos de primeiro era o jaraguá, nem o colônião não tinha, nós não conhecíamos. Aí que veio a braquiária e complicou tudo. O jaraguá é melhor e o gado gosta mais. O colônião traz muita doença. Minhas vacas eu não vacino. Fui vacinar agora porque vieram essas leis. Graças a Deus, São Sebastião cuida pra mim.

## Um quilombo de fé e parentes

As relações de fé com São Sebastião são importantes para o plantio e para a criação de gado. O santo, padroeiro da comunidade, é quem dá forças para que os quilombolas continuem unidos e lutando por suas terras, como afirma Seu Antônio Braga: *Toda minha vida eu fui devoto de São Sebastião, se não fosse a fé nele eu não existia mais não*. Dona Benvinda foi quem assumiu a responsabilidade de realizar a *Folia de São Sebastião* na comunidade, como forma de pagamento de uma promessa que realizou quando seu filho, João, serviu ao Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Dona Benvinda puxava a *reza do terço* e as mulheres seguiam a ladainha. Nas palavras de Dona Eva, *o terço de São Sebastião era assim: A gente saía e pedia as coisas, fazia tudo para comer, não ficava lucro para ninguém. Tudo pro povo comer. O povo comia e cantava dois, três dias*.

A cada ano, um membro da comunidade assume a bandeira para a realização da festa de São Sebastião, como nos conta Dona Oneida: *as pessoas colocavam pedidos e fitas na bandeira com a imagem de São Sebastião e, quando chegava no dia da festa, a bandeira estava enfeitada. Participava toda comunidade, vinha gente de longe, os conhecidos antigos, os parentes de longe*.

Na comunidade há outros santos dos quais os moradores são devotos. No dia 13 de maio realizam homenagens a São Benedito em comemoração à abolição da escravidão, um festejo também realizado em outros quilombos do Mato Grosso



Altar de Dona Benvinda (in memorian).

Fonte: RTID/INCRA, 2007, p.215.



Máscaras utilizadas na Festa de São Sebastião.

Fonte: RTID/INCRA, 2007, p.215.

do Sul, inclusive o Quilombo Tia Eva, em Campo Grande, com o qual os quilombolas da comunidade de Dezidério mantêm relações desde a chegada desse ancestral à região, quando vendia seus produtos na feira em Campo Grande. Também são devotados na comunidade Nsra. Senhora Aparecida, Nsra. Senhora das Graças, Nsra. Senhora da Abadia e a Virgem Maria. Cada família devota realiza a reza do terço em honra ao seu santo de devoção. O Dia de Reis é comemorado pelos descendentes de Cândida Batista de Oliveira. Já São Cosme e Damião, assim como São João, eram santos de devoção de Thomaz Felipe de Oliveira. As fogueiras acontecem em diversos festejos de culto aos santos na comunidade, principalmente para São João e São Pedro. **Elas têm um lugar fundamental nos laços comunitários, com o território e os santos, através dos chamados *batismo de fogueira*.** Dona Eugênia, esposa de um dos netos de Dezidério, conta que: *tem aquela brincadeira de fazer batismo de fogueira, a Guiomar é madrinha da Antônia de fogueira, de passar pela fogueira, e passa a respeitar como madrinha.*

Além do *batismo de fogueira* tem o *batismo da igreja*, realizado na Igreja de Santo Antônio da Vila de Picadinha. Nos batismos são

firmadas relações de compadrio que interligam os parentes das famílias fortalecendo a comunidade. Os compadrios mantêm, assim, as relações para além do território do quilombo, englobando também os quilombolas que habitam na cidade, formando uma rede de ajuda e de troca. Os que residem na área urbana, sempre que necessário, recebem em sua casa os parentes, por exemplo, para um tratamento de saúde e recebem destes produtos de suas roças e plantas para chás e *remédios*. Nas festas, dos santos e de aniversário, todos se reúnem em comemoração.

Na comunidade também estão presentes Igrejas cristãs, como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, reunindo nestes espaços, também, os quilombolas em fé.

## Histórias e lutas: processos de reconhecimento

Como já dito na introdução, a história da Comunidade Dezidério Felipe de Oliveira é marcada por muitos momentos de luta pelo território e revelam também a importância de Dezidério como pioneiro na região de Dourados, importância reconhecida por diversos historiadores. A prefeitura de Dourados também, em diferentes momentos, reconhece a importância de Dezidério na história da formação da região. Em 1990, a Câmara Legislativa do Município de Dourados nomeou, com a Lei nº 1652, uma rua no Bairro Flórida II com o nome de Dezidério Felipe de Oliveira, e no dia 20 de novembro de 2003, a Câmara entregou à sua família um Diploma de Honra ao Mérito Legislativo. Em 2007 a prefeitura, em homenagem ao centenário da chegada do ancestral quilombola, instalou uma estátua de seu busto no parque Flórida I e II, onde moram vários quilombolas descendentes de Dezidério.

Dezidério ficou conhecido também por sua participação direta em embates na defesa das fronteiras entre o Brasil e o Paraguai, sua participação na Coluna Prestes e nas Revoluções de 1932 e 1934, quando foi nomeado inspetor de polícia na região – era *delegado*.



Busto de Dezidério. À direita, seu neto Antônio Braga.

Fonte: RTID/INCRA, 2007, p.3 .

Apesar de ter sido um cidadão de reconhecida participação na formação da região, Dezidério e seus descendentes tiveram imensas dificuldades em regularizar a posse das terras por eles ocupadas. Uma história que envolveu advogados, perda das terras, assassinatos e ameaças, revelando um profundo conflito de terras na região, permeado de forte racismo. *Todo mundo sabe, todo mundo de Dourados sabe que a terra é nossa, milhares de pessoas sabem quem é o dono verdadeiro daquelas terras, só que quem é preto não é dono* (Seu Plínio).

Foram várias as tentativas de deslegitimar os documentos de posse das terras do quilombo. Ainda em 1920, Dezidério entrou com o primeiro pedido de registro da posse de suas terras e para isso contratou um advogado, João Batista de Azevedo que, em 1921, foi assassinado. Dessa forma, a procuração foi transferida para outro advogado. Em 1924 foi concedido o documento de posse e o título provisório a Dezidério que, para se efetivar, deveria contar com o pagamento de uma quantia por hectare. Para definir a quantia e os modos da posse, foi necessário realizar a medição das terras. Com a realização da medição os domínios foram reconhecidos em 3.748 hectares. No entanto, com a lentidão do processo, Dezidério acabou por falecer no ano de 1935, antes da efetivação do registro da área.

Em 1º de abril de 1938, foi efetivado o registro das terras como ‘imóvel rural Fazenda Cabeceira São Domingos’. O advogado responsável pelo processo de medição das terras e procurador da causa de titulação aconselhou a viúva Maria Cândida a apressar a realização do inventário dos bens de Dezidério, que se deu às pressas, sem a assinatura e participação dos herdeiros no processo.

Durante a realização do inventário, 3.148 hectares foram registrados em nome do advogado, com a justificativa de pagamento pelos serviços prestados. Com menos de um mês do registro, que não foi informado aos quilombolas, o próprio advogado realizou várias vendas das terras que ele registrou em seu nome. Deste modo, restaram para a comunidade, após o processo do inventário, 600 hectares para serem divididos entre os herdeiros de Dezidério e Maria Cândida. **Além da ilegalidade do inventário, feito sem presença e anuência dos herdeiros, que resultou na venda das terras, é importante ressaltar que o documento foi emitido em um cartório que não estava mais em funcionamento e assinado por um estrangeiro, algo proibido pelas leis do Brasil.**



A espada recebida por Dezidério em honra ao seu heroísmo na Revolução de 1934, pela defesa da região de Dourados. Seu neto Máximo de Oliveira é quem apresenta a espada.

Fonte: RTID/INCRA, 2007, p. 122.

Assim, o momento de maior perda das terras aconteceu nessa ocasião, fato marcante na história da Comunidade Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira e que gerou diversos conflitos, impedindo que os quilombolas utilizassem várias áreas de seu território tradicional. Dessa forma, locais utilizados para pesca, áreas de mata e locais que seriam utilizados para a moradia das famílias dos filhos de Dezidério estavam, a partir de então, em domínio de outras pessoas que compraram as terras para estabelecer fazendas de criação de gado. Nos anos de 1964 e 1970, os quilombolas entraram com pedidos na justiça para a anulação do inventário e das vendas realizadas ilegalmente. Os conflitos na região se acirraram e ocasionaram a morte de dois moradores da comunidade.

Mesmo com as dificuldades para registro das terras tradicionais e os conflitos vividos no território, os quilombolas, descendentes de Dezidério e Maria Cândida, perpetuaram suas lutas através das histórias e das sabedorias construídas em comunidade. Foram estes conhecimentos que conduziram a luta para a titulação das terras. O processo de titulação do território foi iniciado, no Incra, dez anos após a fundação da Associação Rural Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira (ARQDEZ). O pedido de regularização junto ao INCRA ocorreu no ano de 2005, e nesse mesmo ano a comunidade solicitou e recebeu a certificação de autodefinição da Fundação Cultural Palmares.

Narrativa escrita por Lúnia Costa Dias a partir de informações retiradas do Relatório Antropológico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira, Dourados/MS (2007), cujo Relatório Antropológico é de autoria de Carlos Alexandre Barbosa Plínio dos Santos, Brasília.



# Uma palavra da comunidade

## Dezidério

A nossa comunidade nasce com meu bisavô que veio de Uberaba – Minas Gerais, numa comissão de boiada para o Mato Grosso do Sul, juntamente com seus companheiros. É uma história de trabalho na terra e, sobretudo, de luta para garantir a totalidade do território. Temos registros, desde 1926, de familiares requerendo a terra e que conseguiram um título, ainda que parcial, em 1938. E a contratação de advogados pelo meu tio-avô Miguel Felipe de Oliveira a partir de 1951. Essa luta jurídica do meu tio-avô, após 1965, contou com a ajuda também de Máximo Felipe de Oliveira, meu primo.

Então, afirmamos que nosso empenho para ter nossas terras de volta começou há muito tempo atrás. A formação da nossa Associação Quilombola, no ano de 2005, e a construção do centro comunitário, foi uma das formas de nos organizarmos politicamente para acessar nossos direitos. Atualmente temos parceria com a Universidade Federal Grande Dourados (UFGD), por meio do Projeto de incubadora, que possibilita apoio e assistência técnica para a produção de mel (apicultura) e hortaliças. A partir deste trabalho, assumimos uma cantina no Centro de Convivência da UFGD com a venda de bolo, chipa (biscoito de polvilho), torta e suco dos legumes e frutas da horta da comunidade.

Outro parceiro que tem colaborado conosco é a Prefeitura Municipal de Dourados, através da Secretaria de Agricultura, que nos inseriu na feira orgânica do município. E outra importante conquista foi o direito à construção de um poço artesiano, pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa) no ano de 2007, que embora tenha demorado muitos anos para ser finalizado, possibilitou a distribuição de água potável para nós moradores.

Em administrações passadas conseguimos reservar vagas para consultas médicas aos moradores de toda a região da Picadinha no

posto de saúde mais próximo, pois a distância nos desfavorece na hora da distribuição das fichas de atendimento. Porém, esse benefício nos foi tirado. Outra derrota para nosso povo foi a retirada do transporte coletivo que passava dentro da comunidade. Hoje só temos a *van* escolar que faz a linha noturna.

Atualmente o nosso maior sonho é conseguir nossas terras de volta. Isto para que todos os nossos familiares que moram na cidade e que vivem de aluguel, em situação difícil, possam voltar para sustentar suas famílias através do trabalho na terra, ou seja, do próprio suor. O sonho é viver em comunidade novamente. E acreditamos que o que nos motiva a continuar na luta e não desistir, apesar dos obstáculos encontrados no meio do caminho, se dá em razão dos esforços empreendidos pelos nossos parentes e ancestrais: Miguel Felipe de Oliveira (tio *Migué*), que uma semana antes do seu falecimento me pediu para ajudar o Máximo Felipe de Oliveira na luta por essa terra, bem como por Antônio Braga (tio *Antoninho*). Eles são para nós exemplos, pois falavam com o coração. E nós nos comprometemos a continuar esta luta por meio da nossa Associação Quilombola, que hoje é presidida por Gelson da Silva Areco, eleito no ano de 2017. Aproveitamos para render agradecimentos a todos da equipe do setor quilombola – do INCRA – na pessoa de José Roberto de Camargo e também ao pesquisador e antropólogo Carlos Alexandre Barbosa Plínio dos Santos.

Palavra escrita por Aline Neves Rodrigues Alves por meio de entrevista concedida por Ramão Castro de Oliveira – Coordenador Estadual da Coordenação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Mato Grosso do Sul (CONERQ/MS) de 2011 a 2014 – Liderança da comunidade Dezidério Felipe de Oliveira por três vezes e Integrante da Coordenação nacional da CONAQ desde 2005.



# Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Juarez Rocha Guimarães, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Danúbia Zanetti, Priscila Z. Martins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

D541c Dias, Lúnia Costa  
Comunidade Quilombola Dezydério Felipe de Oliveira / Lúnia Costa Dias.  
- Belo Horizonte: FAFICH, 2017.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório antropológico de identificação e delimitação do território da Comunidade Quilombola Dezydério Felipe de Oliveira / de Carlos Alexandre Barbosa Plínio dos Santos.

1. Quilombos. 2. Antropologia. I. Santos, Carlos Alexandre Barbosa Plínio dos. Relatório antropológico de identificação e delimitação do território da Comunidade Quilombola Dezydério Felipe de Oliveira II. Título. III. Série.

CDD:306

CDU:39



## A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS  
CENTRO DE ESTUDOS  
RURAIS E AMBIENTAIS

IB  
CES - AL

Quilombos

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE  
AGRICULTURA FAMILIAR E DO  
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL  
GOVERNOS UNIDOS